



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAPECURU-MIRIM
CURSO DE LETRAS

DAYANY ROSA DIAS

TABU LINGUÍSTICO: análise da lexia morte na comunidade de fala de Santa Rita

DAYANY ROSA DIAS

TABU LINGUÍSTICO: análise da lexia morte na comunidade de fala de Santa Rita

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade do Estado do Maranhão-UEMA, Centro de Estudos Superiores de Itapecuru-Mirim, para obtenção do grau de licenciado em língua Portuguesa e Literatura.

Orientador (a): Prof^ª. Esp. Adiene Rocha Freire

Itapecuru-Mirim
2017

DAYANY ROSA DIAS

TABU LINGUÍSTICO: análise da lexia morte na comunidade de fala de Santa Rita

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade do Estado do Maranhão-UEMA, Centro de Estudos Superiores de Itapecuru-Mirim, para obtenção do grau de licenciado em língua Portuguesa e Literatura.

Orientador (a): Prof^a. Esp. Adiene Rocha Freire

Aprovado em ____/____/2017

Nota _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Esp. Adiene Rocha Freire

Prof. Me. Claudemir Sousa

Prof. Esp. Renato Gomes dos santos

Aos meus amados pais Sebastião e Maria da
Glória com muito amor e carinho.

AGRADECIMENTO

Agradeço em primeiro lugar ao meu papai querido Deus, o qual na pessoa do Espírito Santo sempre esteve comigo, dando-me força e paciência para conseguir superar cada dificuldade enfrentada.

Aos meus colegas de sala, em especial, meu quinteto fantástico Cleonice, Letícia, Samara e Welida, a quem sempre recorria em momentos de dúvidas e lamentávamos juntas, aquilo que não sabíamos como fazer.

Ao meu querido sobrinho Hyan e a minha irmã Fernanda (meus companheiros de lar) que suportaram com paciência a minha impaciência e o meu estresse. Agradeço também a minha mana Cássia, que doou o seu notebook por tempo indeterminado, o qual foi de grande importância para a realização desse trabalho.

Aqui deixo registrado o meu reconhecimento a toda minha família, pois acredito que sem o apoio deles, seria muito difícil vencer esse desafio.

Ao meu namorado, Vagner, que teve infinda paciência desde o início do curso, mas principalmente nesta fase da monografia, que ficou sem minha atenção e mesmo assim me compreendeu e me apoiou.

Não poderia deixar de agradecer aos meus colegas de trabalho, na pessoa da minha secretária Maria da Glória, que me apoiaram e compreenderam minha ausência por muitas vezes.

Meu agradecimento especial à minha orientadora, Prof. Esp. Adiene Rocha Freire, pela disponibilidade que a mim dispensou nesta trajetória.

Enfim, a todos os que por algum motivo contribuíram para a realização desta pesquisa.

“A vida não me chegava pelos jornais, nem pelos livros, vinha da boca do povo, na língua errada do povo, Língua certa do povo, porque ele é que fala gostoso o português do Brasil”.

Manoel Bandeira

RESUMO

O presente trabalho vem apresentar os resultados obtidos em uma pesquisa de campo, que teve a finalidade de descobrir as variantes referentes à lexia morte. Os dados foram extraídos, a partir de uma entrevista realizada na cidade de Santa Rita, localizada na BR 135, a 70 km da capital do Maranhão, a fim de reconhecer essas variantes, bem como analisar se há eufemismos ou disfemismos presentes na fala dos informantes. Contou-se com a contribuição de 40 entrevistados para levantamento e análise dos dados. Este estudo foi baseado na área da sociolinguística e da Teoria Variacionista (Labov, 2008 [1972]), pois faz referência direta a relação entre língua e sociedade, estudando as comunidades de fala e o uso do vernáculo, visando descobrir se há presença de tabu na variável *morte*. Para isso, conta-se com a contribuição de autores como Guérios (1979), Ullmann (1977), Martelota (2009), dentre outros, que de forma direta ou indireta, contribuíram para o enriquecimento deste estudo. Os resultados da pesquisa, possibilitaram uma proximidade maior com o uso do vernáculo, o reconhecimento da dinamicidade da língua em uso e as interferências sofridas por ela nos níveis social, cultural, histórico e geográfico.

Palavras-chave: Tabu linguístico. Sociolinguística. Morte. Eufemismo. Variantes.

ABSTRACT

The present work presents the results obtained in a field research, whose purpose was to discover the variants referring to lexia death. The data were extracted from an interview conducted in the city of Santa Rita, located in BR 135, 70 km from the capital of Maranhão, in order to recognize these variants, as well as to analyze if there are euphemisms or dysphisms present in the informants' speech. We counted on the contribution of 40 interviewees for data collection and analysis. This study was based on the area of sociolinguistics and Variation Theory (Labov, 2008 [1972]), since it makes direct reference to the relationship between language and society, studying the speaking communities and the use of the vernacular, in order to find out if there is taboo in the variable death. For this, we count on the contribution of authors such as Guérios (1979), Ullmann (1977), Martelota (2009), among others, who directly or indirectly contributed to the enrichment of this study. The results of the research made possible a greater proximity to the use of the vernacular, the recognition of the dynamicity of the language in use and the interferences suffered by it at social, cultural, historical and geographical levels.

Keywords: Language tabu. Sociolinguística. Death. Euphemism. Variants.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição das ocorrências da variante morte para designar: qual termo se usa para falar de alguém que não está mais entre nós.....	31
Gráfico 2: demonstração do uso de eufemismos e disfemismos.....	32
Gráfico 3: Percentual da variante morte, segundo a variável etária.....	33
Gráfico 4: percentual da variante morte, segundo a variável sexo.....	34
Gráfico 5: percentual segundo o fator: religião.....	34

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	13
2.1 Panorama teórico	13
2.2 Tabus linguísticos e suas classificações	14
2.3 Substituição do termo tabu pelos eufemismos e disfemismos	16
3 SOCIOLINGUÍSTICA	17
3.1 Comunidade de fala	18
3.2 Variação e variante linguística	19
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	21
4.1 Local da pesquisa.....	21
4.2 Coleta de dados.....	21
4.3 Transcrição de dados	22
4.4 Características sociodemográficas dos informantes	29
5 RECORTE DO OBJETO DE ESTUDO	31
6 ANÁLISE E DISCURSÃO DOS DADOS	32
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
8 REFERÊNCIAS	38
APÊNDICES	41

1 INTRODUÇÃO

É muito comum se ouvir em diversas regiões, nomes diferentes atribuídos a mesma coisa, bem como deixar de proferir palavras, por serem consideradas imoral, indecente, de baixo calão, por medo ou receio e na maioria das vezes estão relacionadas a algum fator social, religioso e até mesmo nos princípios familiares, sendo consideradas palavras tabu. Esta tese é atestada por Ullmann (1987, p. 426), o qual afirma que o tabu “[...] impõe uma proibição, não só sobre pessoas, animais e coisas, mas também sobre os seus nomes”.

Essa abstenção de palavras gerou uma inquietação, trazendo à tona um problema de pesquisa que norteia esta monografia. Levou-se em consideração a afirmativa de Monteiro, (2002, p.7) quando diz que “ os vocábulos que são considerados tabus estão apenas refletindo os valores e crenças da sociedade”. Observando sob uma perspectiva sociolinguística, buscou-se então, saber quais fatores sociais influenciam na substituição da palavra morte e o que leva as pessoas a terem receio de pronunciar esta palavra, ocasionando assim, o uso de eufemismos e disfemismos. Pois esse fato não é de hoje, podendo ser visto desde a Bíblia Sagrada, a exemplo do Rei Salomão que dizia em seus provérbios: “*O que guarda a boca e a língua, guarda sua alma das angústias.*” (Provérbios 21.23).

Notou-se então a necessidade de um estudo baseado no tema tabu linguístico e o uso de eufemismos e disfemismos presentes na comunidade de fala de Santa Rita, concernente a lexia morte, a fim de se saber quais os meios de substituição dos vocábulos tabus, já que há interdições na pronúncia de uma palavra (GUÉRIOS 1979). O mesmo teve como objetivo geral identificar a presença de tabu linguístico no falar dos moradores de Santa Rita-MA e o uso de variantes, estabelecendo parâmetros de uso das lexias de acordo com os fatores sociais: sexo e idade e religião, e como objetivos específicos: demonstrar as variantes usadas no falar dos Santarritenses para a lexia morte, estabelecer parâmetros de acordo com os fatores sociais e assinalar os eufemismos ou disfemismos utilizados pelos falantes.

Buscou-se investigar o porquê da substituição da palavra morte em detrimento de outras expressões e entender o motivo pelo qual há receios na pronúncia desta; observou-se a leitura que a comunidade faz de seu universo, uma vez que esta reflete valores, crenças, hábitos e costumes da sociedade e são justamente esses valores e crenças, que na maioria das vezes, causam interdições em seus comportamentos e levam os falantes de um determinado grupo a tabuizar alguns itens lexicais por considerá-los divergentes aos padrões vividos em seu meio.

O anseio pela pesquisa sobre a variante morte propõe novos conhecimentos a respeito da riqueza de vocábulos presente na linguagem dos Santarritenses, expondo os vários discursos disfêmicos e eufêmicos utilizados pelos falantes para fugir da lexia tabu morte.

A exposição deste trabalho se dará em cinco capítulos, o primeiro apresenta a origem da palavra tabu e seu significado geral, seguido dos tabus linguísticos e seus tipos, logo após segue um apanhado geral sobre a substituição do termo tabu pelos eufemismos e disfemismos.

O segundo capítulo trata da sociolinguística, que é a área na qual está pautado este estudo, destacando os conceitos e a sua importância dentro da comunidade de fala. Trata também das variações linguísticas e as variantes, que são os fatores que fundamentam esta pesquisa.

Já o terceiro capítulo vem descrever os procedimentos metodológicos, partindo do local de pesquisa, coleta de dados e transcrição dos mesmos, fazendo a descrição das características sociodemográficas dos informantes.

O quarto capítulo traz um recorte do objeto de estudo, já o quinto trata da análise e discussão dos dados, apresentando os resultados finais da pesquisa.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Esta pesquisa tem como base teórica a sociolinguística, onde se buscou observar as questões relacionadas à gênese da palavra tabu, estendendo-se aos tabus linguísticos de natureza social, bem como a substituição do termo tabu por eufemismos e disfemismos. Dentro deste contexto, esclarecer as influências dos fatores linguísticos e extralinguísticos dentro da comunidade de fala na ocorrência das variações linguísticas, analisando através de parâmetros teóricos pré-estabelecidos.

2.1 Panorama teórico

Entende-se por tabu, qualquer tipo de proibição estabelecida pela sociedade, seja ela de cunho moral, social ou religioso. É possível identificar a existência desses tabus nas comunidades e através da cultura de um povo. Laura Almeida (2007), em sua tese de mestrado, apresenta uma concepção de tabu proposta por LEACH (1983), em que ele afirma que os tabus (...) se referem a proibições que são explícitas e sustentadas por sentimento de pecado e sanções sobrenaturais a um nível consciente.

Ribeiro (2017), (apud ULLMANN, 1987), chega a dizer que, os estudiosos da área dos tabus parecem estar em consenso por considerarem que o vocábulo tabu é uma palavra de origem Polonésia que o capitão Cook introduziu no inglês e daí passou para outras línguas europeias. Freud (1969, p. 48), compartilhando da mesma posição, argumenta que os tabus:

[...] são proibições de antiguidade primeva que foram, em certa época, externamente impostas a uma geração de homens primitivos; devem ter sido calcadas sobre eles, sem a menor dúvida, de forma violenta pela geração anterior. Essas proibições devem ter estado relacionadas com atividades para as quais havia forte inclinação. Devem então ter persistido de geração para geração, talvez meramente como resultado da tradição transmitida através da autoridade parental e social.

Deste modo, pode-se afirmar que, o tabu é algo que acompanha a cultura e a sociedade desde o princípio, influenciando as crenças, hábitos, os costumes e até a linguagem dos povos. O mesmo exerce influência sobre o modo de pensar, agir, e vestir de uma sociedade, impondo proibições, que são reflexos de gerações anteriores, de uma sociedade submissa.

Existem várias tipologias estabelecidas para tabu, dentre elas estão os objetos-tabu, os quais não devem ser tocados, os lugares-tabu: que não devem ser frequentados,

ações-tabu, que não devem ser exercidas e as palavras-tabu, que não devem ser ditas. O tabu está relacionado com alguma “proibição ligada a certas representações mágicas ou religiosas. Existe uma infinidade de tabus cuja infração envolve automaticamente a aplicação de sanções sobrenaturais” (GUÉRIOS, 1979, p. 1). Observa-se, que em todos os conceitos acima estabelecidos para tabu, estes estão ligados a algum tipo de proibição, mas para melhor esclarecimento e análise dos estudos aqui pautados, adota-se a reestruturação condensada por Silva (2009), que tipificou os tabus em quatro grupos, sendo eles:

Tabu religioso – tabuização de lexias referentes ao campo religioso e/ou supersticioso;

Tabu sexual – tabuização de lexias relativas aos órgãos sexuais humanos;

Tabu moral – tabuização de lexias que concernem a atitudes/comportamentos reprováveis pela sociedade;

Tabu de delicadeza – tabuização de lexias que se referem a assuntos desagradáveis, como a morte.

Em um contexto religioso vale ressaltar algumas atribuições feitas a palavra “diabo”, por exemplo, que está relacionado a palavra-tabu, em que não se deve proferir, pois está condicionada ao medo. Freud (apud GUÉRIOS, 1956) considera o tabu como um recalque de tendências, desejos e instintos naturais de uma coletividade, promovendo ampliação ou limitação da linguagem. Em qualquer região ou localidade que se vá, encontra-se alguma expressão que deve ser evitada ou que não se pode proferir, de forma a não causar nenhum constrangimento social ou ofender alguma entidade, acreditando assim no poder das palavras.

2.2 Tabus linguísticos e suas classificações

O tabu de linguagem ou tabu linguístico é como uma ramificação do tabu geral. Trata-se de um fenômeno universal, mas que varia conforme a comunidade, à medida que a percepção do tabu pode ser modificada de uma comunidade para outra (GUÉRIOS 1979, p. 6). Considera-se que o tabu gera nas pessoas sentimentos que influenciam em suas ações e, por conseguinte, em seu modo de falar, por isso, são considerados tabus linguísticos, pois estão ligados, especificamente, às restrições relacionadas à fala, estabelecidas pela sociedade, pela cultura, pela religião ou pela família.

O tabu linguístico refere-se à proibição de proferir determinadas palavras, às quais, dependendo da cultura, se atribui poder sobrenatural, e que, uma vez proferidas, podem

causar desgraça ou infelicidade ao indivíduo que as mencionou, estando, portanto, relacionado às crenças que povoam o imaginário popular (GUÉRIOS 1979, p. 5). O autor classifica ainda que há tabus em nomes de pessoas, tabus em nomes de parentes, tabus em nomes religiosos, tabus em nomes de mortos, tabus em nomes de animais, tabus em nomes de lugares e circunstâncias, tabus em nomes de doenças e defeitos físicos, tabus em nomes de alimentos, tabus em nomes vários.

Ullmann (1964), por sua vez, classifica os tabus linguísticos em três grupos, são eles: o tabu de medo, que está relacionado aos seres sobrenaturais como, por exemplo, a pronúncia do nome de Deus e a do nome do diabo; o tabu de delicadeza que se refere diretamente a assuntos desagradáveis como doenças e morte, e o tabu de decência que está ligado ao sexo, a certas partes e funções do corpo humano e aos juramentos.

Seja qual for o meio, ao estabelecer um padrão de linguagem e tornar proibidas determinadas palavras, está de certa forma internalizando o medo, receio ou respeito por algo sobrenatural, de modo que, não se deva pronunciar certas palavras e essas passam a ser consideradas palavras tabus. Ou seja, uma série de comportamentos linguísticos é provocada de acordo com a natureza de proibição.

Preti (apud ALMEIDA, 2008) diz que a vida das palavras se torna um reflexo da vida social e, em nome de uma ética vigente, proibem-se ou liberam-se palavras, processam-se julgamentos de ‘bons’ ou ‘maus’ termos, apropriados ou inadequados aos mais variados contextos. E tabus linguísticos aparecem em decorrência de tabus sociais. Os tabus linguísticos estão sempre ligados as regras impostas a sociedade, de forma que a fala do indivíduo sofre influências de acordo com os padrões de linguagem estabelecidos, podendo ser interdito por questões sociais, morais ou religiosas.

Apesar de o tabu ser um fenômeno universal, pode se diversificar conforme a comunidade. Assim, certos tabus linguísticos podem deixar de o ser dependendo da comunidade. “Em geral, os vocábulos tabus ou tabuízados não chegam ao completo desaparecimento; mais frequentemente permanecem, quer sob a forma de derivados, quer como deformados sob vários aspectos” (GUÉRIOS, 1979, p. 6).

Pode-se assim dizer, com base na afirmativa de Casas Gómez (1986) que os tabus linguísticos são decorrentes de vários fatores, como de princípios sociais, morais ou religiosos, gerando interdição em situações externas, psicológicas ou sociais que motivam a não utilização de certas formas léxicas existentes na língua, dando origem ao processo eufemístico.

2.3 Substituição do termo tabu pelos eufemismos e disfemismos

O tabu é um termo que é evitado pelas pessoas, estas usam mecanismos para fugir da lexia tabuizada. Com base nas influências que o tabu linguístico possui sobre o léxico de uma língua, discorre-se nesse tópico, sobre a forma como os termos tabus influenciam no uso de eufemismos e disfemismos.

Para melhor entendimento, estabelece-se o conceito de eufemismo e disfemismo, sabendo para tanto que o eufemismo consiste na substituição de uma palavra ou expressão de sentido rude, desagradável, por outra de sentido agradável, que provoque menos impacto. Já o disfemismo é o oposto do eufemismo. É a substituição de termos normais por outros mais grosseiros e mais chocantes. Adota-se então a concepção estabelecida por Coseriu, quando diz que o tabu linguístico não está associado somente ao campo das superstições, mas também de outros aspectos sociais e morais: “Várias outras razões de índole emotiva ou social; razões de educação, cortesia, boas maneiras, decência, amabilidade, etc. Evitam-se expressões e palavras que se consideram demasiadamente cruas ou descorteses, ou indecentes”. (Coseriu, 1982, p. 71).

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que, os eufemismos estão presentes nessas lexias que são usadas, a fim de evitarem as expressões descortês, indecentes, transformando-as em palavras ou expressões amáveis e suaves. Ullmann (1964, p. 426), reforça esse conceito afirmando que “na maioria dos casos, embora não em todos, a palavra tabu será abandonada e introduzir-se-á um substituto inofensivo, ou seja, um eufemismo”.

Preti (1984) afirma que, tudo que se refere à ofensa, decência, superstição, defeitos morais e mentais, delicadeza e respeito, contribuem para a criação ou perpetuação dos tabus e para evitá-los, são usados os eufemismos, a fim de atenuar o peso negativo que as palavras carregam. Assim como o eufemismo, os disfemismos também são substitutos dos tabus, porém para o lado contrário, tornando o efeito das palavras mais intensas. Guérios (1979) destaca o disfemismo a título de exemplificação, esclarecendo que no português do Brasil as formas coisa-ruim, malvado e maldito são substitutos disfêmicos de demônio.

Ullmann (1964) ao citar as classificações para tabus que aponta que os tabus de medo, de decência e decoro, tem sido uma larga fonte para os tabus e eufemismos através dos tempos, mas os tabus de decência e decoro são mais fáceis de serem identificados porque têm relação com os comportamentos ditados pela sociedade, ou seja, por mais que sejam empregados recursos de fuga, sempre há uma percepção voltada para esses tabus.

3 SOCIOLINGUÍSTICA

Alguns comportamentos linguísticos têm relação com a sociedade e para melhor discorrer sobre esse assunto, esse tópico trata a respeito da sociolinguística, que é “uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística” (CESÁRIO E VOTRE, 2009, p. 141).

A sociolinguística tem o propósito de estudar a estrutura e a evolução da língua no contexto social da comunidade, cobrindo a área usualmente chamada de Linguística Geral, a qual lida com Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Semântica. (Labov [1972] 2008). O papel da sociolinguística se caracteriza pelo aprofundamento do estudo da língua materna, que tem evoluído gradativamente, a partir do contato com outras línguas e com a própria língua, que sofre variações constantes.

Para Cecilia Mollica (2012), cabe à Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade presentes na variação, bem como diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático. Pois, apesar da língua ser a mesma, mas cada sujeito tem um modo próprio de se expressar. Como afirma (Labov [1972] 2008):

Não existe uma comunidade de fala homogênea, nem um falante-ouvinte ideal. Pelo contrário, a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala é um fato comprovado. Existe variação inerente à comunidade de fala – não há dois falantes que se expressam do mesmo modo, nem mesmo um falante que se expresse da mesma maneira em diferentes situações de comunicação.

Pode-se afirmar, contudo, que é impossível analisar a língua falada fora do seu contexto social, pois apesar de cada indivíduo ter uma maneira de se expressar ao se comunicar com outro indivíduo, o mesmo pode sofrer influência no modo de falar. Como afirma Coseriu (1987), a norma linguística é um sistema de realizações obrigadas, de imposições sociais e culturais, e varia segundo a comunidade.

Diante dos conceitos apresentados, é evidente que há uma ligação entre a língua e a comunidade, de forma que o meio social e a cultura acarretam em variações sofridas na fala da comunidade. Segundo Preti (1994), os fatores ligados ao falante, que influenciam e determinam a fala de um indivíduo, são: idade, sexo, raça, profissão, posição social, grau de escolaridade, local em que reside na comunidade.

Gumperz (1996) diz que o início da sociolinguística moderna é marcado pelo reconhecimento da relação existente entre os aspectos linguísticos e as forças sociais e

políticas, devendo considerar a comunidade de fala como ponto inicial de análise. Compreende-se então, que a língua não é imutável, visto que sofre influências e variações constantes, de forma que não se deve considerar, que seja errado um determinado modo de falar.

3.1 Comunidade de fala

Inicialmente, tem-se uma definição bastante simples para comunidade de fala, dada por Bloomfield (1926, p. 42), para o qual “é um grupo de pessoas que interage por meio da fala”. Labov (2008) por sua vez define comunidade de fala como aquela que compartilha normas e atitudes sociais perante uma língua ou variedade linguística. Hymes (1972) está de acordo, quando afirma que, o conceito de comunidade de fala está ligado a pessoas que compartilham regras de conduta e interpretação de fala de pelo menos uma variedade linguística, ou seja, antes do critério linguístico interessa o critério social.

A comunidade de fala pode ser definida como um grupo de pessoas que estão sempre em comunicação, pois entendem a linguagem uma da outra e por isso fazem interações por meio da fala, mas esse conceito é bem mais abrangente, pois como explica Gumperz (1968), de forma bem sucinta, “uma comunidade de fala é um grupo de falantes não necessariamente de uma mesma língua, que compartilha um conjunto de normas e regras para o uso da língua”. Observa-se então, que há um universo bem maior para as concepções estabelecidas.

Aléong (1983) estuda a língua como um fator social, um veículo simbólico, que só poderá ser analisado, a partir de sua inserção na sociedade, na cultura da qual faz parte. Propõe a distinção entre as normas implícitas, inerentes aos grupos sociais que a atualizam na oralidade e na escrita, e as normas explícitas que são codificadas e divulgadas, sobretudo pela escola, gramáticas e dicionários. Ou seja, é o estudo das normas implícitas, que torna possível o conhecimento da língua efetivamente utilizada pela comunidade linguística.

Mello (2001) identifica como principais domínios linguísticos a família, a escola, a igreja, o trabalho ou vizinhança. Cada um desses domínios pode exigir uma única língua ou mais, dependendo dos participantes da interação, da relação afetiva entre eles, do grau de formalidade, da situação e da função dessa troca comunicativa. Portanto, a noção de domínios linguísticos não se limita ao local onde ocorre, mas a situação como um todo, incluindo, de modo geral, todas as relações psicossociais, que permeiam a comunicação entre as pessoas.

Bagno (2007) afirma que os gramáticos tradicionais insistem num grave erro linguístico de estudar a língua como uma coisa morta e imutável, sem levar em consideração as pessoas que a falam e complementa dizendo que se acreditarmos no mito da língua única, existirá milhões de falantes sem língua, já que uma quantidade grande de brasileiros permanece à margem do domínio da norma culta:

É claro que eles também falam português, uma variedade de português não-padrão, com sua gramática particular, que, no entanto, não é reconhecida, ridicularizada, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes do português-padrão ou mesmo daqueles que, não falando o português-padrão, o tomam como referência ideal – por isso podemos chamá-los de sem-língua (BAGNO, 2007, p.16).

Romaine (1980) também discorda da ideia de homogeneidade da comunidade de fala, já que as mudanças não ocorrem em toda a comunidade, mas são fenômenos individuais. Para a autora, os sujeitos interagem com diferentes grupos e, por isso, podem assumir diferentes características linguísticas.

Eckert (2000) propõe o estudo da variação centrado nas comunidades de prática, pois nelas as variantes linguísticas assumiriam significação social, havendo relação direta entre língua e identidade. No entanto, Dell Hymes (1972), por exemplo, define comunidade de fala como “uma comunidade que compartilha regras para a conduta e interpretação da fala, e regras para a interpretação de, pelo menos, uma variedade linguística. Ambas as condições são necessárias (apud FIGUEROA, 1994: p.57). O estudo da comunidade de fala é infundo, cada pesquisa traz consigo uma nova ideia e abre-se um universo de ideias para que mais estudos sejam feitos, pois a linguagem é cheia de mistérios, a língua é viva e está sempre se renovando.

3.2 Variações e variantes linguísticas

Por haver uma norma culta gramatical estabelecida pelas classes dominantes, a variação linguística era considerada como “falar errado”, mas a partir da década de 60, à luz da sociolinguística, as teorias defensoras da homogeneidade da língua passaram a ser revistas, sendo então considerado que não existiria “erro” ou “desvio” da norma padrão e sim variedades de uma mesma língua (MURAD E SILVA 2012).

Não se pode afirmar que existe uma norma padrão de fala, já que existem diferentes modos de se expressar. “Todas as línguas são adequadas às necessidades e características da cultura a que servem e igualmente válidas como instrumentos de

comunicação social, sendo inconcebível, portanto, afirmar que uma língua ou variedade linguística é superior ou inferior a outra” (GORSKI; COELHO, 2009 p.81).

Mas o que vem a ser variação linguística? Bagno (2007) a denomina de variação estilística de monitoramento estilístico, já que em situações de maior ou menor formalidade, por exemplo, exige do falante um determinado controle, uma atenção e um planejamento maior ou menor do seu comportamento em geral e do seu comportamento verbal. Segundo o autor esta é uma ideologia linguística conservadora:

A gramática tradicional é a variedade das classes dominantes que se transformou em universal abstrato, válido para todos os membros da sociedade brasileira como língua legítima. Assim, qualquer outra variedade, diferente da imposta pelas gramáticas normativas, não é “língua de gente” ou, quando muito, é língua de seres humanos degradados, os párias da sociedade (BAGNO, 2003, p.31).

Conforme Rodrigues (2002) há dois tipos de variação. A primeira ocorre em função do falante. A segunda em função do ouvinte. A variante em função do falante pode ser denominada de variação dialetal como variantes espaciais (dialetos geográficos ou diatópicos), variantes de classe social (dialetos sociais ou diastráticos), variantes de grupos de idade (dialetos etários), variantes de sexo (dialetos masculinos e femininos), variantes de gerações (variantes diacrônicas).

Tarallo (1986) coloca que a variação é vista pela sociedade como um “caos” linguístico, em outras palavras, como um campo de batalha em que duas (ou mais) maneiras de se dizer a mesma coisa entram em conflito, como um combate, podendo uma palavra ou expressão ser extinta, sendo substituída pela outra. Tarallo (2001) traz um conceito para variante, destacando que variante lexical é, portanto, cada forma diferente de se representar, em um mesmo contexto, um mesmo valor significativo ou funcional, independentemente de as alterações na forma terem origem fonética, fonológica, morfológica, sintática ou discursiva.

Dentro desses conceitos, com base nas concepções acima estabelecidas para tabu, sociolinguística e variação linguística, pode-se considerar a palavra “morte” como palavra tabu, podendo ser classificada como tabu de medo ou tabu de delicadeza, já que faz referência a temas desagradáveis, enquadrando-se também, na modalidade dos tabus religiosos, já que a religião tem influência significativa sobre o modo de falar, assim como a política e a cultura estabelecida em uma comunidade.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a construção desse trabalho, fez-se necessário, primeiramente, uma pesquisa bibliográfica dos assuntos propostos em artigos científicos, livros, dicionários, teses e dissertações. Em busca de autores que fundamentassem essa pesquisa referente a tabu de maneira geral, tabu linguístico, sociolinguística e variação linguística, eufemismos e disfemismos, bem como sobre a variante morte. Procedeu-se a delimitação do tema proposto e seleção do *corpus* que possibilitou uma pesquisa de campo.

4.1 Local de pesquisa

A pesquisa foi feita na cidade de Santa Rita, localizada na BR 135, situada na microrregião de Rosário, longitude - 44.3°(oeste) e latitude - 31.1°(sul). Possui uma área de 766 km² e está a uma altitude de 28m acima do nível do mar. O município é cortado pela BR 135, pelo rio Itapecuru e duas ferrovias: Carajás-Ponta da Madeira e São Luis-Teresina. Santa Rita faz limites com os seguintes municípios: ao norte - Bacabeira e Rosário; leste - Presidente Juscelino; sul - Itapecuru e a oeste- Anajatuba, contando com uma população de 35.364 habitantes segundo a estimativa do IBGE de 2014. A pessoa que nasce no município de Santa Rita é chamada de santarritense.

4.2 Coleta de dados

A coleta de dados se concretizou através de uma entrevista. Esta pesquisa foi constituída de informantes do sexo masculino e feminino, no total de 40 entrevistados na cidade de Santa Rita, sendo 10 homens e 10 mulheres de 17 a 25 anos e 10 homens e 10 mulheres de 30 a 70 anos. De forma a observar a relevância da variável sexo, idade e orientação religiosa no comportamento dos falantes, como influenciadores no uso do tabu linguístico.

Adotou-se a palavra tabu “morte” a ser pesquisada como fenômeno em particular, buscando evidências sobre a presença de eufemismos, que para ULLMANN, (1977) é a palavra que será deixada de lado, sendo substituída por outro termo brando e o disfemismo, que para Guérios, (1979) torna a situação agravante, intensificando seu efeito.

Para tanto, foi usado o seguinte questionamento: qual termo você utiliza para falar de uma pessoa que não está mais entre nós? Observando assim os fatores sociais

influenciadores tais como, gênero e idade. Martelota (2009). Os informantes são identificados como: inform.01, inform.02, inform.03 e assim sucessivamente e os resultados foram convertidos em gráficos.

Os dados obtidos através dos gráficos foram analisados quantitativa e qualitativamente, nos quais foram identificados o uso de eufemismos e disfemismos sobressaindo-se na substituição da palavra morte, em determinados contextos de uso.

Os instrumentos a serem utilizados foram: gravador digital e câmara digital no qual deram suporte para a apreensão do vernáculo, por meio de uma entrevista semi-estruturada, através abordagens feitas nas ruas, com duração de aproximadamente 25 a 30 minutos. Observou-se também o monitoramento do informante aludido por Labov (1972) como paradoxo do observador.

4.3 Transcrições dos dados

A princípio, elaborou-se um roteiro de como conduzir a pesquisa, já que se tratava de uma pesquisa semi-estruturada. Grande parte dos entrevistados já eram conhecidos, o que facilitou a aproximação a fim de que a coleta se desse de forma espontânea por ser informal. Grande maioria dos entrevistados se mostraram à vontade, pois estavam sentados nas portas de suas casas em rodas de conversa, o que possibilitou a interação.

Após a aproximação, a partir de uma conversa conduzida, ao lançar o questionamento sobre a lexia morte, normalmente agiam com estranheza e espanto. Alguns chegaram a perguntar por que falar daquele assunto, mas responderam com espontaneidade. Os quadros a seguir, apresentam trechos que foram retirados das gravações obtidas nas pesquisas de coleta de dados. Os áudios foram ouvidos por diversas vezes para que na medida de o possível, fossem transcritos fielmente o que e como foi dito fazendo apreensão do uso do vernáculo. Foram utilizadas as abreviações entrev. Para entrevistador e inform. Para informante como se vê a seguir.

Informante 01

Entrev. Como as pessoas têm a morte como uma coisa ruim, normalmente elas procuram outras palavras para substituir a palavra morte. Por exemplo, quando vão dar uma notícia a alguém. Tu utiliza outro termo para falar da palavra morte.

Inform.1: eu nunca disse pra ninguém que outra pessoa tinha morrido não.

Entrev. Mas tu já ouviu, assim, outras pessoas falando, de uma forma diferente, sem ser o termo morreu?

Inform.1: já. Faleceu!

Informante 02

Entrev. estou aqui tentando descobrir as variantes da palavra morte, aí eu quero saber os teus conhecimentos a respeito disso, pra ti me dizer como é que tu faz pra substituir a palavra morte quando há necessidade, por exemplo, de dá uma notícia pra alguém ou para tratar de alguém que já não está mais entre nós, qual é a palavra que tu usa.

Inform.2: em premero lugar eu procuro conversar com... contar uma historia pra pessoa ai que eu vou... se a pessoa ser próxima daquele outro, as vez eu começo a convesá com aquela pessoa depois é que eu vou dá a nutícia, aí é que eu vou dizer assim: ô fulano faleceu ou morreu.

Entrev. mas tu conhece outras expressões além dessa, ou tu só conhece essas duas mesmo, porque tem aquelas que a gente usa e tem as que a gente conhece que outras pessoas usam.

Inform.2: ahhhh...tem uns que diz assim, fulano esse... cumé?!... tem um monte de palavra num tem? Eu num tô é lembrada, ah, meu irmão gosta de dizer assim: fulano de tal foi pro parazão cortar cana, quer dizer que morreu.

Informante 03

Entrev. você conhece outros termos que substituem a palavra morte?

Inform. 3: óbito, foi a óbito.

Entrev. e se tu tivesse que dá a noticia alguém como que tu diria?

Inform.3: eu digo que a pessoa faleceu. Ah, fulano de tal faleceu.

Entrev. como chama as crianças que já morreram?

Inform.3: anjos? Eu acho que é anjos.

Entrev. e se for um adulto?

Inform. 3: Difuntos.

Informante 04

Entrev.se tu tiver em uma situação de dar uma notícia, para falar de que uma pessoa não está mais entre nós?

Inform.4 ou eu digo que faleceu ou então que partiu dessa pra outra né.

Entrev. Mas tu já usou essas expressões ou só já ouviu outras pessoas usando?

Inform. 04. Já usei já e já ouvi também.

Informante 05

Entrev. eu quero saber quais termos tu usa para substituir a palavra morte

Inform.05: ah, eu uso é muito, pra mim matar um é rapinho, eu não sou a pessoa certa pra dar uma notícia pra ninguém. Eu não sei rodar, não sei mentir...

Entrev. Mas assim, tu já ouviu outras pessoas falando de outra forma, utilizando outros termos?

Inform.5; sim, sim, até pra mim dizer, aí eu digo; o que é isso? As vezes eu até entendo né, mas eu digo: mas o que é isso menino? ...oh, meu Deus! Deixa eu ver quem fui que me falou uma historia... de morte inclusive! De uma pessoa bem próxima né, e não queria dizer porque eu ia ficar... porque era amiga da gente e a pessoa rudiô, rudiô, eu disse sim mermã mais diz logo o que foi que aconteceu!

Entrev. as vezes deixa a gente mais agoniado né?

Inform. 5 É...mas eles usam muitas expressões, agora pra mim não, mas eu já ouvi muita gente falando que falando que passou dessa pra melhor, pra pior. Outro dia um secretário de educação chegou numa formação e disse: ah, as diretoras, pra fazer isso e isso, vocês tão sabendo né que fulano de tal passou dessa pra pior. (Falando de um funcionário que saiu e deixou tudo organizado)

Informante 6 e 7

Entrev. quais termos vocês conhecem ou vocês costumam utilizar pra substituir a palavra morte?

Inform.6: rapá vovó fala um bucado, diz que a pessoa foi pra um lugar melhor, partiu dessa pra melho, é eee faleceu, bateu as botas.

Inform.7 nos deixou

Inform.6 teve que ir, Deus precisou dela, e tal essas coisas.

Eu: é Deus precisou dela, muito interessante essa bem aí

Inform.6: e tem aquela: ele já cumpriu o dever dele aqui no caso.

Eu: cite-me mais exemplos aí Arê...

Inform.7 aiii... pera lá Dayany. Pera lá...Diego já falou tudim

Inform. 6 foi pra cidade dos pés junto (baixinho)

Entrev. mas tu já te encontrou na situação que tu tenha que dá a notícia a alguém?

Inform.6: eu acho que depende da situação e da pessoa que vai contar e para que ela vai contar, a vezes é uma pessoa muito próxima de ti, e eu tenha que contar isso de uma forma que tu não tenha um impacto muito grande naquele momento. Por exemplo: Olha...teu pai infelizmente ele foi-se

Inform. 07: faleceu

Inform.6 fui para o lado de Deus, pense pelo lado bom!

Informante 8

Entrev. mas e se a senhora tivesse que dar a noticia de morte a alguém, a senhora dizia morreu mesmo ou diria outro nome.

Inform. 8: eu acho que eu dizia morreu...

Entrev. mas a senhora nunca ouviu assim as pessoas falando outras expressões?

Inform.8: não... deixa eu ver como foi que alguém chegou pra mim e me disse...ah, o Dionézio que deu a noticia da minha mãe... eita dona Nenen ta lá no céu... foi assim mesmo que ele falou

Informante 9

Entrev. eu tou querendo saber se tu conhece alguma palavra que substitui a palavra morte

Inform.9: Rapaz desde quando eu me intendi o que eu vejo as pessoas falando é Lucrecia

Entrev. Mas assim, se tu tiver que dá a noticia pra falar de alguém que já não está mais entre nós. Nem sempre a pessoa chega logo e diz: ah, morreu

Inform. 9: eu digo que a pessoa faleceu

Entrev. mas tu conhece outras além de faleceu?

Inform. 9: depois que eu fui ser crente eu vejo as pessoas dizer passou dessa vida pra outra né.

Informante 10

Entrev. como as pessoas temem muito ouvir a respeito da morte, ou falar mesmo, acabaram, então criando varias palavras pra palavra morte, eu quero saber se vocês conhecem alguma expressão que substitua a palavra morte

Inform.10: minha palavra que eu falo é assim: faleceu

Mas vocês já ouviram outras pessoas falando outro termo que não seja morreu

Não?! Tentem lembrar aí

Inform.10: viajou, foi pra outro mundo.

Informante 11

Entrev.: eu quero saber se você conhece outras palavras que as pessoas usam pra substituir a palavra morte, ou que tu mesmo usa, tipo pra dá uma noticia, pra falar de alguém que não está

mais entre nós. Tu usa outros termos?

Inform.11: uso.

Entrev. O que por exemplo?

Inform. 11: ah! Que a pessoa faleceu, não morte, morte é muito forte né?

Entrev: mas tu já ouviu outras coisas além de morreu e faleceu.

Inform. Não.

Informante 12

Entrev. Qual termo você usa pra falar de alguém que não está mais entre nós?

Inform.12 rapaz depende...normalmente eu digo que a pessoa faleceu, mas se for alguém por exemplo, que tenha se matado eu digo que ele se suicidou.

Informante 13

Intrev. Bom, eu estou buscando outras variações para a palavra morte. As pessoas as vezes por receio de pronunciar essa palavra por ser um termo muito forte, acabam por inventando outros nomes, pra substituir a palavra, por exemplo ao dar uma notícia, pra não dizer logo de imediata que a pessoa morreu. Aí eu te pergunto qual termo que tu utiliza pra te referir a alguém que não está mais entre nós?

Inform. 13: falecido né, eu não gosto de falar a palavra morte não. É pessoa fulano de tal faleceu... então eu falo o nome também da pessoa, mas sempre eu não goste de falar assim que a pessoa morreu não.

Informante 14

Entrev. Estou fazendo uma pesquisa com relação a palavra morte. Eu quero saber, se tu tiver que dá uma notícia, como que tu vai fazer para dá essa notícia?

Inform.14 se foi a mãe do cara que morreu, eu vou dizer que ela morreu mesmo, se foi matado! Mataram.

Entrev. Mas tu já ouviu as pessoas falando de outro jeito

Inform.14 Falecido, finado! É assim que as pessoas falam, eu não falo isso daí não.

Informante 15 e 16

Entrev: quando a gente vai dar uma notícia a alguém, ah, fulano de tal morreu. Ai a gente não quer chegar logo e dizer morreu.

Inform.15: Tem que dar o arrudeio

Entrev: é... no seu caso o senhor utiliza outros nomes pra falar a respeito da morte?

Inform.15: Eu vou fazer uma comparação: Bibi olha eu vim aqui, eu vim te dar uma notícia né e que não é muito boa, então tua mãe faleceu, né, na calma, pra ele não se alterar, não ficar agitado.

Entrev: e se for uma criança?

Inform. 15: do mermo jeito, é faleceu mermo!

Entrev: diz aí Bibi a tua opinião?

Inform.16: é... se foi! sei lá, mas a palavra que a gente usa mesmo é faleceu. Conforme o tipo de morte né. Entrou em óbito.

Informante 17

Entrev: qual termo você utiliza para falar de alguém que não está mais entre nós?

Inform. 17: rapaz se for ruim eu digo: rapaz aquele desgraçado foi pro inferno! ó geralmente

quando a pessoa morre de uma morte que não foi causado por outro ser humano eles diz logo bateu as botas, geralmente não é pra quem matou, nunca vão dizer que alguém que foi assassinado, eles vão dizer que bateu as botas alguém que foi assassinado por outras pessoas, jamais, eles não usam esse termo.

Informante 18

Entrev: qual termo que o senhor usa pra falar de alguém que não estar mais entre nós? Ou então pra dá uma notícia.

Inform.18 Não assim ó, por exemplo a pessoa morrer e eu fosse levar a notícia pra os familiares dele, viu, eu ia chegar lá, o que eu ia dizer, rapaz é pra ir uma de vocês lá comigo lá em tal lugar, um parente teu, pai ou irmão sofreu um acidente e tá precisando da presença de dos familiares lá, ai eu vim aqui, pra ir um de vocês comigo lá pra ver situação dele. Pra não dizer logo diretamente que a pessoa já tava morta já.

Entrev.: preferia deixar a pessoa ver né.

Inform. 18 É...aí se já tivesse falecido no caso mesmo, ai a reação... é porque ele saiu de lá sabendo que não tava ainda, ai a reação seria menos.

Informante 19

Entrev: qual o termo que o senhor usa pra falar de alguém que já não está entre nós?

Inform. 19: éee... eu num sô bom nisso, mais pela experiência de nossos entiqueridos não está mais ente nós, é assim, se morreram com cristo, estão num lugar esperando o dia da ressurreição e esses que morreram sem cristo estão num lugar de tormento, lugar por nome que se chama ades, na escuridão.

Informante 20

Entrev: que termo tu usaria para dar uma noticia para uma pessoa que um enti querido, uma pessoa da família dele, pra dizer que ele não está mais entre nós?

Inform. 20: eudizia siô, partiu dessa pra melhor, foi morar com Deus, acabou o sofrimento. Foi pro inferno, foi pro céu, vai depender da família e do comportamento, se era crente, se não era.

Informante 21 e 22

Entrev: se vocês tivessem que dar a notícia pra alguém de uma pessoa que já não está mais entre nós, alguém que já partiu dessa vida, que expressão vocês usariam para dar essa notícia?

Inform. 21: ah, ia depender da pessoa

Entrev: ia depender da pessoa como assim?

Inform.21: da pessoa que ia receber a notícia

Inform.22 e tu quer dizer expressão o quê?

Entrev: assim, porque normalmente quando a gente vai dar uma notícia, a gente não quer dizer diretamente, ah, morreu, ai a gente vai procurar uma forma que não assuste a pessoa de imediato.

Inform. 22. Ah, isso ai é coisa do calor da emoção

Entrev: não, mas assim, diz ao menos as que tu já ouviu falar? A noticia mesmo que vai substituir a palavra morte.

Inform. 22: falecimento, faleceu

Inform. 21: partiu, partiu dessa pra melhor.

Informantes 23, 24, 25, 26

Entrev: eu quero saber de vocês, qual o termo que vocês utilizam pra substituir a palavra morte, assim que vocês costumam por exemplo pra dar uma notícia, qual é a expressão que vocês utilizam assim pra não assustar a pessoa?

Inform. 23: mas ai tem muitos que tem receio de dizer fulano morreu

Entrev: é ai diz outra coisa

Inform. 23: porque o coração não são igual, não eu não tenho essa superstição não, se morreu pode é o outro morrer também, mas eu digo.

Entrev: mas vocês já ouviram outros termos que as pessoas utilizam, outras palavras?

Inform. 24: não porque tem pessoa que num quer dizer no momento né

Inform.25 : é, mas o jeito de dizer é esse mesmo.

Inform.24: agora tem muitos que vai dizer que o outro morreu mas chega assim muito agitado, pra contar a palavra, ai espanta quem não tá nem pensano, já chega chorano, fulano morreuuuu. Ai o cara tem que chegar convesar e tal, ai é que vai contar, olha eu trouxe uma noticia pra ti, num é boa, fulano de tal morreu, faliceu, o termo é esse que eu digo.

Entrev: Falecer, realmente ó, o termo falecer também é referente a morrer que as pessoas já...

Inform. 24: a gente diz mais hoje é faleceu, mas naquela data minha não, seu fulano morreu.

Inform. 25: é, agora não, agora é faleceu

Inform. 23 porque assim ó, gente perder um parente que já tá doente muito tempo a gente até que se conforma, mas a gente perder um parente próximo assim encima da hora, é ruim cara.

Inform. 24: porque o finado carioca, a mãe dele morreu ali no Itaipú, na hora que ela acabou de morrer ela tirou calça, tirou camisa, ficou doido e saiu gritando na rua dizendo que a mãe dele tinha morrido. Quando chegou em defronte a casa do Olímpio ele entrou tomou uma dose e saiu gritando: êee... aquilo que a gente quer mais bem o diabo vem e levaaaa.

Entrev: e tu Fernando, me diz aí qual é a palavra que tu já ouviu ou que tu costuma usar que substitui a palavra morte?

Inform. 26: eu digo pra pessoa se acalmar que eu vou dar noticia ruim, ai eu digo que a pessoa faleceu.

Informante 27

Entrev: estou buscando algumas variações referente a palavra morte. Eu queria que tu me dissesse qual termo que tu utiliza pra falar de alguém que já não está mais entre nós, se tu costuma usar um termo diferente pra dar a notícia a alguém

Inform.27: eu sou bem direta, de alguém que já morreu eu sou bem direta, fulano morreu.

Entrev: mas tu já ouviu alguém usando outras expressões, outros termos?

Inform.27 Já... quer dizer, pra mim já deram noticia diferente, né?! de uma maneira confortável, querendo confortar...dando a noticia confortavelmente e totalmente diferente do que eu diria né

Entrev: mas tu te lembra qual foi a palavra que foi dita que bateu o martelo, assim, tu lembra?

Inform.27 Faleceu

Informantes 28 e 29

Entrev: eu quero saber qual termo que vocês usam pra falar da palavra morte, pra falar de alguém que não tá mais entre nós, como é que vocês dizem?

Inform.28: ah, eu tenho medo! Falecido, já foi, finado felecido!

Inform. 29: que Deus o tenha, foi com Deus!

Entrev: as pessoas consideram a palavra morte muito pesada né, aí utiliza outra palavra pra falar

Inform. 29: é...aí pra não falar morreu eu digo assim... já está em outra vida, partiu dessa vida pra outra, não está mais em nosso meio.

Informantes 30, 31, 32 e 33

Entrev: se tu tiver que dar a notícia alguém que a pessoa morreu, como que tu daria essa notícia? Que expressão que tu usaria para dar essa notícia a alguém, ou então pra falar de alguém que não está mais entre nós?

Inform.30: faleceu

Entrev: E se tivesse falando por exemplo de uma criança? (Vem gente responder, vocês também podem interagir)

Inform.31 eu digo que fulano de tal veio a óbito

Inform. 32: partiu dessa pra melhor, virou anjo.

Entrev: e tu Railson o que tu diria?

Inform. 33: quando eu vou dizer pra mamãe eu digo logo é que morreu.

Entrev: também quando a gente vai falar do morto em si né, tem outras expressões que as pessoas utilizam pra falar. As vezes eles não dizem assim só o nome da pessoa, diz outra palavra, vocês lembram assim que palavra é essa?

Inform.32: eu chamo de difunto quando tá no meio da casa e finado depois que enterra.

Inform. 33: Finado, finado fulano de tal e quando tá no meio da casa é difunto.

Informantes 34

Entrev: eu tou querendo saber aqui, tipo assim, quando se vai dar uma notícia pra alguém, qual é a expressão que se usa pra falar de alguém que não está mais entre nós

Inform.34 Ah, eu não sei falar palavra de difunto.

Entrev: mas quando o senhor vai falar assim de alguém que já morreu senhor costuma dizer o que?

Inform.34 Não premero que eu procuro, fulano tu já viu... tem notícia de fulano de tal esses dias, é o premero que eu vou procurar. –não, porque? – é porque eu não tou sabendo ar nutica dele e eu queria que tu me dissesse ar nuticia dele, cumé que ele tá, se tá vivo, tá morto, se ainda mora naquele lugar, ai a pessoa vai perceber e dizer: rapá diz logo o que tu quer dizer e tal, aquele historia ai agente vai encaixando. Eu não vou logo dizer rapá tu tá sabendo que fulano morreu, aí é uma palavra dura né, se o outro sofre do coração...

Entrev: mas se o senhor for dizer, o senhor diz mesmo é morreu?

Inform.34 Não, eu digo assim rapá tá sabendo que fulano de tal faleceu tal dia assim?!

Entrev: ah, é faleceu né?! Hoje usa mais é esse termo né?!

Inform.34. Num é mais morreu não!

Entrev: o senhor falou em difunto também né, chama a pessoa depois que morre...

Inform.34 É difunto, num é mais cristão, é finado.

Entrev: mas depois que morre eles não chamam mais finado não né?

Inform.34 Não, finado é só depois que passa pelo dia 02 de novembro que é o dia de finado. Aí chama finado.

Informantes 35, 36 e 37

Entrev:mas assim... se tu tivesse que dá a noticia pra alguém que a pessoa morreu?

Inform.35: eu ia ser muito direta, eu ia dizer assim, fulano(...)

Inform.36: eu ia ser direta, eu ia dizer logo assim, fulano, fulano de tal morreu, sinceramente.

Inform. 35: eu ia dizer fulano, aquela tal pessoa assim, assim que tava no leito da enfermidade (se ela tivesse doente né) infelizmente ela faleceu.

Entrev: mas tem gente que usa alguma expressão pra falar de alguém que não tá mais vivo, eles

tem uns termos aí pra falar dessas pessoas.

Inform.37: falecido?! Só isso que eu sei! Falecido, finado. As vezes eles usam essas expressão assim é com medo da alma da pessoa.

Informante 38

Entrev: quando a senhora vai falar de alguém já não está mais entre nós, qual é a expressão que a senhora usa?

Inform.38: morreu é uma coisa... a gente tem que dizer é que morreu mesmo. Saiu do nosso meio, também pode dizer assim. Se afastou de nós, Deus levou, Deus precisou dele.

Entrev: aaah, usa muito isso né?! Deus precisou dele.

Inform. 38: Deus precisou dele aí levou né, a gente fica com saudade, se sente mal, mas o que a gente pode fazer, é assim mesmo. Outra coisa a gente não pode, a gente não pode dizer que o diabo levou.

Informante 39

Entrev: qual é a expressão que a senhora costuma usar pra falar de alguém já não tá mais entre nós?

Inform.39: se foi uma pessoa da família primeiro eu vou me emocionar,pra poder chegar praquela pessoa e dizer.

Entrev: mas aí como é que a senhora diz?

Inform. 39: eu acho que eu chego e digo logo morreu, fulano morreu

Informante 40

Entrev: tem uma coisa que é bem antiga, que acontece de qualquer forma, mesmo que não seja por acidente, mas que é uma coisa espontanea também que é a pessoa morrer. Aí eu queria saber de ti, quando tu vai dar a notícia a alguém, qual é a expressão que tu usa pra falar a respeito dessa palavra, se tu usa algum termo diferente.

Inform. 40: eu acho que não, acho que eu digo que morreu. Eu já falei!

Entrev: tu diz simplesmente que morreu?

Inform. 40: é... eu procuro falar da melhor forma pra não impactar muito, mais eu acho que a forma assim que eu falo é: já morreu, já foi pro céu, algum lugar do outro mundo que não está mais na terra.

Entrev: E se tu for falar de uma criança, por exemplo?

Inform. 40: a mesma coisa. Mas as pessoas costumam dizer sempre que virou um anjinho né. É porque falam que a criança não tem pecado então quando morre vai direto pro céu e vira anjo. Isso que aprendi desde criança.

4.4 Características sociodemográficas dos informantes

Os informantes que foram entrevistados possuem características bem diversas, pois foram entrevistadas pessoas de vários níveis de escolaridade e apesar da grande maioria

dos entrevistados serem da Zona rural e apenas sete pertencem a zona urbana, mas quase todos trabalham ou são aposentados. As casas são todas de alvenaria poucos sobrevivem da roça. A maioria dos jovens da zona rural afirmaram que para estudar precisavam se deslocar de suas casas para a cidade para concluir o ensino médio, já que nos povoados só tem acesso ao ensino fundamental. Quanto à religiosidade, 47% dos informantes afirmaram pertencer a alguma religião evangélica, 30% são católicos e 23% declararam pertencer a nenhuma religião.

As características sociodemográficas foram de suma importância para o desenvolvimento deste trabalho, contribuindo para melhor análise dos dados pesquisados e para que se obtivesse êxito na pesquisa.

5 RECORTE DO OBJETO DE ESTUDO

Após a chamada para uma pesquisa de campo, pensou-se primeiramente no local em poderia ser realizada esta pesquisa, na qual foi escolhida a cidade de Santa Rita. Daí pensou-se em um tema propício, levantou-se, então, a hipótese de se trabalhar o tabu linguístico, mas como este é um tema bem abrangente, fez-se o recorte, delimitando o assunto para tabu linguístico, fazendo uma análise da lexia morte. Optou-se por esse fenômeno em particular, pelo fato da morte lembrar sofrimento, mesmo sendo algo comum, mas muitas vezes se torna chocante só ouvir a pronuncia da palavra, como foi notório no ato da pesquisa, que as pessoas faziam expressões faciais espantosas. Por isso, morte é considerada uma palavra tabu, que pôde ser identificada na fala dos informantes através desta pesquisa. A morte é um tabu quase universal, há sempre uma forma existente de se dizer que uma pessoa morreu, que “foi para a terra dos pés juntos”, foi para “debaixo dos sete palmos da terra”, dentre outras expressões.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A partir da análise do corpus desta pesquisa, observou-se um índice significativo de variantes relativo a *lexia morte*, isso nos remete ao significado estabelecido por Tarallo (1986, p. 08) que afirma: "variantes linguísticas, são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade". Nota-se que a variante mais frequente para a *lexia morte*, é *faleceu*, com 32% de ocorrência, sendo que a *lexia* tabuizada apareceu por 14 vezes, dentre 27 variantes, como mostra o gráfico a seguir.

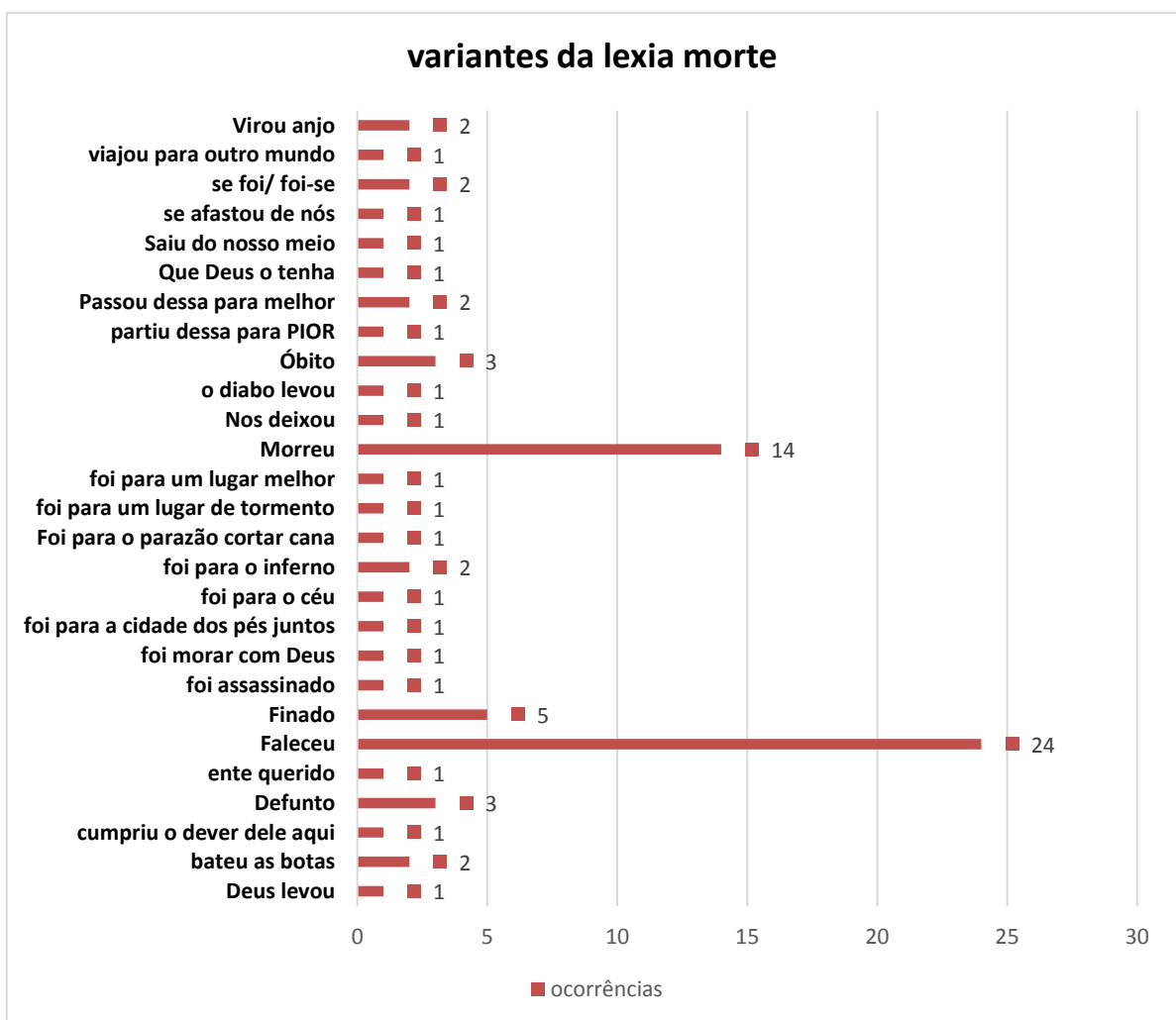


Gráfico 1: Distribuição das ocorrências da variante morte para designar: qual termo se usa para falar de alguém que não está mais entre nós.

Os tabus levam a que determinadas palavras ou expressões sejam abandonadas ou substituídas por termos que tendem a suavizar uma realidade desagradável. A estes termos chama-se eufemismos, um recurso estilístico muito popular no português, mas também noutras línguas, como o inglês. A popularidade dos eufemismos prende-se com o fato de estes

fazerem “parte do jogo constante de adaptação dos falantes à situação de comunicação” (CIPRIANO 2016).

Como já visto no gráfico anterior, os falantes usaram de vários termos para fugir da lexia tabuizada fazendo uma substituição lexical. O gráfico 2, mostra a porcentagem dos recursos eufêmicos e disfêmicos encontrados na fala dos informantes. Das 28 designações para a lexia morte, 17 tiveram ocorrência única, mas o substitutivo que mais se destacou foi a expressão: *foi pro parazão cortar cana* (inf. verbal), encontrada na fala de informante 2, pois fora do contexto inserido remete a outro sentido. À própria entrevistada explica que a expressão é utilizada por seu irmão e que se usa pelo fato de o estado do Pará ser um lugar longe, em que as pessoas não escutam desaforo, principalmente de pessoas que vão de outro estado, ou seja, podem ir e não voltar mais ou voltar morto. Além dessa expressão ser uma frase disfêmica, possui também um caráter metafórico, dando alusão a ação de morrer.



Gráfico 2: demonstração do uso de eufemismos e disfemismos

Observou-se que o medo foi um fator influenciador na tabuização, pois grande parte dos informantes declarou não gostar de falar o assunto morte, porque não queriam morrer agora, outros fizeram uso do cômico para falar do assunto. Enquanto os demais se expressaram com emoção, pois sempre se lembravam dos seus amigos ou familiares que já morreram. Acredita-se que daí parte o grande índice dos eufemismos presentes na fala dos informantes.

Considerando os termos sociolinguísticos, seguem os gráficos 3, 4 e 5, que demonstram respectivamente, o índice de tabuização de acordo com os fatores sociais idade, sexo e religião.

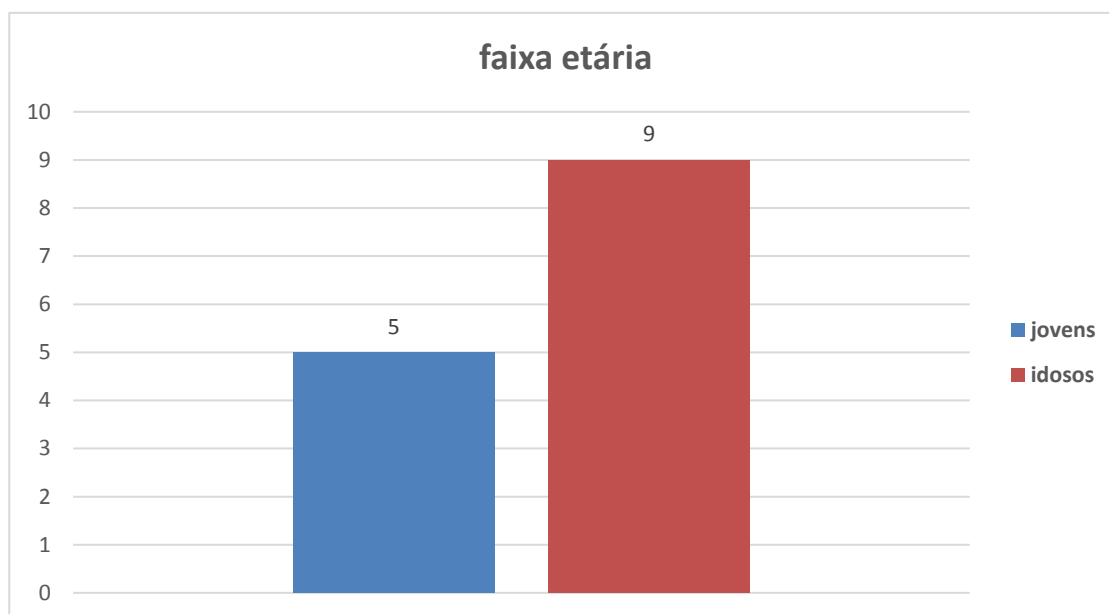


Gráfico 3: Percentual da variante morte, segundo a variável etária

A princípio vemos que a variável faixa etária foi significativa visto que os mais idosos com 64%, tabuízaram menos, em relação aos mais jovens que usaram a lexia tabuízada com apenas 36% de frequência, a exemplo, temos a fala do informante 23, que confirma o caráter conservador dessa designação: - “[...] *eu não tenho essa superstição não, se morreu pode é o outro morrer também, mas eu digo é: fulano morreu*”. Confirma-se então que, há presença de tabu linguístico na lexia morte, na fala dos jovens, visto que estes entendem que esta, é uma palavra muito dura para se pronunciar, como afirma a informante 11: *ah! Digo que a pessoa faleceu, não morte! Morte é muito forte. Né?!* A informante jovem declara que não gosta de usar a expressão morte, enquanto que o informante idoso afirma que usa mesmo é essa expressão, mesmo que doa no outro.

Observa-se no gráfico 4, que está na página seguinte, que houve 50% de frequência da lexia tabuízada para o sexo masculino, e 50% para o sexo, feminino, levando em consideração que o índice de variação foi bem aproximado com apenas 4% de diferença, pode-se afirmar que a variável sexo não foi relevante pois a frequência foi a mesma para ambos os sexos.

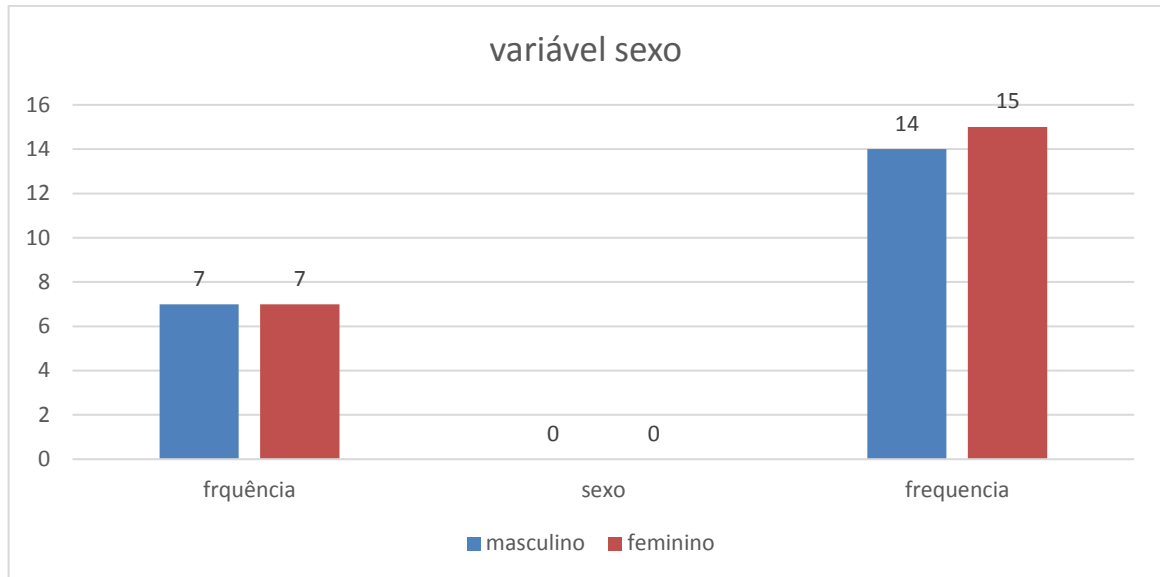


Gráfico 4: percentual da variante morte, segundo a variante sexo

Analisa-se, a seguir, no gráfico 5, as diferentes expressões utilizadas pelas pessoas de diferentes religiões. Sabe-se que, as crenças religiosas expressam a natureza das coisas sagradas e os ritos são as regras de conduta que prescrevem como um homem deve se comportar diante de objetos sagrados. Desta forma, a religião define o sagrado, o protegido e o isolado por interdições, e o profano, as coisas sobre as quais as interdições se aplicam. A interdição linguística é, pois, um fenômeno relacionado em sua essência com aspectos religiosos, já que o homem vem buscando, ao longo do tempo, escapar ao uso de lexias tabus (SILVA, 2009).

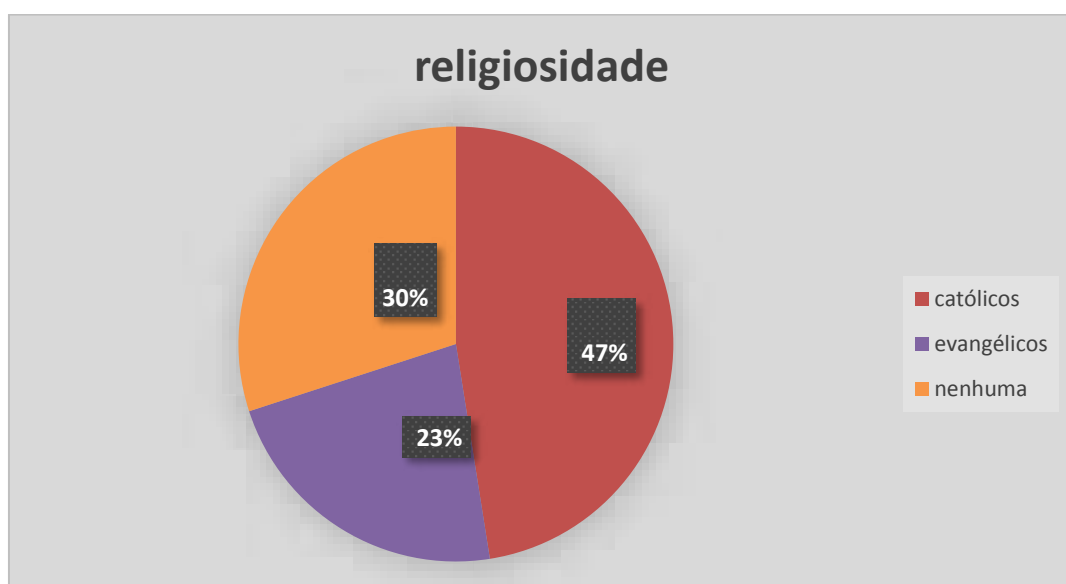


Gráfico 5: demonstração de porcentagem de religiosidade em relação a lexia tabu

Pôde ser identificado que o fator social religião teve relevância significativa, pois grande parte dos falantes afirmaram pertencer a alguma religião, temos a exemplo o informante 19 que afirmou ser evangélico e ao responder à pergunta: qual o termo que o senhor usa para falar de alguém que já não está entre nós? O declarante afirmou dizendo que, se morreram com cristo, estão num lugar esperando o dia da ressurreição e esses que morreram sem cristo foi para um lugar de tormento (informação verbal). Outros se expressaram dizendo que foi para o inferno ou o diabo levou, dando ênfase ao fato de o indivíduo não ter sido uma boa pessoa aqui na terra.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração os estudos abordados ao longo desta pesquisa, pode-se dizer que os estudos para tabus e seu fenômeno em particular morte, vão além de um referencial teórico ou de uma hipótese. Nota-se a necessidade de um estudo aprofundado do assunto, a fim de vivenciar de perto as situações impostas pelo tabu.

Esta pesquisa possibilitou um contato pessoal com a língua materna, possibilitando o reconhecimento da riqueza existente nos vocábulos nos falantes. Confirmando a teoria da variação proposta por Tarallo (1986), sobre várias formas de se dizer a mesma coisa, um objeto ou coisa mesmo sendo único possui mais de um nome dentro de uma mesma comunidade de fala.

O estudo foi significativo e relevante, pois encontrou-se os resultados necessários para alcançar os objetivos expostos e na medida do possível com a mesma metodologia proposta. As variantes apresentadas para a lexia morte leva à conclusão de realmente há presença de tabu na lexia, tanto na fala dos informantes femininos, quanto nos masculinos e apesar de haver diferença no percentual de frequência, mas encontrou-se tabuização em todas as variáveis dos fatores sociais.

Diante dessa afirmativa, pode-se dizer que se adentrou em um universo rico de variedades linguísticas, dando possibilidades ao processo de formação de novas palavras, de forma que estas ganhem forma e sentido em cada contexto inserido e isso se dá principalmente pelo fato da língua ser viva, dando oportunidade para se expandir dentro da própria comunidade de fala ou em contato com outras línguas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jahilda Lourenço de. **Falar feio e falar bonito em Quando as máquinas param**, de Plínio Marcos. In: PRETI, Dino (Org.). Cortesia verbal. São Paulo: Humanitas, 2008. p. 277-304. (Projetos Paralelos – NURC/SP).
- ALMEIDA, Laura de. **À guisa de uma tipologia para os tabus linguísticos – proposta para um glossário**. 2007. 193 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas, São Paulo, 2007.
- BAGNO, M. **Mas o que é mesmo variação linguística?** In: ————— Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007, p.35- 57.
- BENKE, Vanessa Cristina Martins. **Em busca do léxico do português do Brasil documentado pelo Projeto ALiB: um estudo sobre tabus linguísticos**. Relatório Final de Pesquisa, apresentado ao Programa PIBIC/CNPq/UFMS, 2008.
- BÍBLIA, Sagrada. **O Poder das Palavras**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 4 ed. São Paulo 2009.
- BORTONI, Ricardo S. M. **Educação em língua materna: a sociolingüística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BLOOMFIELD, L. A set of postulates for the science of language. *Language*, v. 2, n. 2, p. 153-164, 1926.
- CASAS GÓMEZ, Miguel. *La interdicción lingüística: mecanismos del eufemismo y disfemismo*. Cádiz: Universidade de Cádiz, 1986.
- GUMPERZ, J. J. The speech community. In: SILLS, D. L.; MERTON, R. K. (Ed.). *International encyclopedia of the social sciences*. London: MacMillan, 1968. p. 381-86.
- HYMES, D. Models of the interaction of language and social life. In: GUMPERZ, J. J.; HYMES, D. (Ed.). *Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication*. Oxford: Blackwell, 1972. p. 35-71.
- COSERIU, E. **Sistema, norma e fala**. In: _____. *Teoria da linguagem e linguística geral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.
- FREUD, Sigmund. **Totem e tabu e outros trabalhos**. Tradução de Órizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. **Variação linguística e ensino da gramática**. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 10, n.1, p. 73-91, Jan- jun. 2009.
- GUÉRIOS, R, F, M. – **Tabus Linguísticos** 2.ed. aum. São Paulo: Nacional, 1979
- _____, R. F. M. **Tabus lingüísticos**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1956.

KROLL, Heinz. **O eufemismo e o disfemismo no português moderno**. Lisboa: Biblioteca Breve, 1984.

LABOV, William (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.]

MARTELOTA, Mario Eduardo. Sociolinguística. In. CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião (org.) **manual de Linguística**. São Paulo: contexto, 2009.

MELLO, H. A. B. Perfil **sociolinguístico de uma comunidade bilingue da zona rural de Goiás**. *Linguagem e Ensino*, v. 4, n. 2, p. 61-92, 2001.

MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza. (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o Tratamento da Variação**. São Paulo: Contexto, 2012.]

MONTEIRO, J. L. **Linguagem mal estar**. *Revista Mal estar e subjetividade*, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 64-78, mar. 2002. Disponível em: Acesso em: 15 jun. 2017.

PRETI, Dino. **A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica**. São Paulo: T.A.Queiroz, 1984.

_____, D. Sociolinguística: os níveis de fala. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 1994

RIBEIRO, Paulo Gabriel calvet. **E AQUELA QUE CUSTURA PRA FORA?!** Proposta de glossário para tabuização e o processo de formação de palavras para prostituta no maranhão. São Luis, 2017. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/1379>, acesso em: 11 de junho de 2017.

RORIGUES, A.D. Problemas **relativos à descrição do português contemporâneo como língua padrão no Brasil**. In: BAGNO, M.(org.). *Linguística da Norma*. São Paulo: Loyola, 2002.p. 11-23.

SILVA, Carolina Batista. **Aquela palavra ruim: a lexia diabo no português falado no Maranhão**. Londrina, 2009. Disponível em: <http://observador.pt/2016/06/12/porque-e-que-nao-gostamos-de-chamar-morte-a-morte/> aceso em: 11 de outubro de 2017.

TARALLO Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática; 2001.

ULLMANN, S. Semântica: uma introdução à ciência do significado. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.b

_____, Stephen. **A Semântica. Uma introdução ao estudo do significado**. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

_____, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Lisboa: Gulbenkian, 1977.

WEINREICH U, Labov W, Herzog M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola; 2006[1968].

APÊNDICE A- TABELA COM OS DADOS DOS INFORMANTES

INFORMANTE	IDADE	ESCOLARIDADE	RELIGIÃO	LOCALIDADE
Andreia	22 a	Ensino médio completo	Evangélica	Zona rural
Diomar	37 ^a	Ensino fundamental incompleto	Católica	Zona rural
Ana alice	17 ^a	Ensino médio incompleto	Evangélica	Zona rural
Silas	23 ^a	Ensino médio incompleto	Nenhuma	Zona rural
Marilena	40 ^a	Pós-graduada	Católica	Zona urbana
Ariadne	19	Ensino médio	Evangélica	Zona rural
Diego1	22 ^a	Cursando graduação	Nenhuma	Zona urbana
Joana	53 ^a	Ensino fundamental incompleto	Evangélica	Zona rural
Dionézio	55 ^a	Não alfabetizado	Evangélico	Zona rural
Wilian	18 ^a	Ensino médio	Nenhuma	Zonal rural
Maquéssia	17 ^a	Ensino médio incompleto	Nenhuma	Zona urbana
Ozemar	42 ^a	Ensino médio incompleto	Católico	Zona rural
Sonete	38 ^a	Ensino médio incompleto	Nenhuma	Zona rural
Diego 2	21 ^a	Ensino médio	Nenhuma	Zona rural
Leontino	71 ^a	Não alfabetizado	Católico	Zona rural
Vagner	25 ^a	Graduação incompleta	Evangélico	Zona urbana
Manoel	48 ^a	Ensino fundamental incompleto	Nenhuma	Zona urbana
Nelson	64 ^a	Ensino fundamental incompleto	Evangélico	Zona rural
Sebastião	66 ^a	Não alfabetizado	Nenhuma	Zona rural
Damião	50 ^a	Ensino médio	Católico	Zona urbana
Antonio	37 ^a	Ensino fundamental incompleto	Nenhuma	Zona rural
Fernando	25 ^a	Ensino médio incompleto	Nenhuma	Zona urbana
Marilson	23 ^a	Ensino médio	Evangélico	Zona rural
Romulo	17 ^a	Ensino médio incompleto	Nenhuma	Zona rural

Aliel	19 ^a	Ensino médio	Evangélico	Zona rural
Talita	19 ^a	Ensino médio	Evangélica	Zona rural
Maria das Graças	69 ^a	Não alfabetizada	Católica	Zona rural
Maria da Glória	58 ^a	Ensino fundamental incompleto	Evangélica	Zona rural
Rayssa	20 ^a	Ensino médio	Evangélica	Zona rural
Raiane	17 ^a	Ensino médio incompleto	Evangélica	Zona rural
Poliana	17 ^a	Ensino médio	Católica	Zona rural
Railson	19 ^a	Ensino médio	Nenhuma	Zona rural
Pedro	67	Ensino fundamental incompleto	Católico	Zona rural
Fabiana	19 ^a	Ensino médio	Evangélica	Zona rural
Nayara	17 ^a	Ensino médio	Evangélica	Zona rural
Marinalva	48 ^a	Ensino médio	Evangélica	Zona rural
Maria de Sousa	76 ^a	Não alfabetizada	Evangélica	Zona rural
Maria dos Anjos	61 ^a	Ensino fundamental incompleta	Evangélica	Zona rural
Sandra	31 ^a	Ensino médio	Evangélica	Zona rural